

A CO-EDUCAÇÃO NO ENSINO DO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

AN UNINSURED CO-EDUCATION OF SOCCER IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES FROM THE PERSPECTIVE OF THE STUDENTS

UN COMPAÑERO DE LA EDUCACIÓN SIN LA EDUCACIÓN DE FÚTBOL EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS ESTUDIANTES

Roberto Zanelato Borges

roberto10_strike@hotmail.com

Universidade Do Extremo Sul Catarinense

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar as relações coeducativas, principalmente as de gênero, no ensino do futebol, nas aulas de Educação Física, a partir da perspectiva dos próprios alunos. A pesquisa foi de campo, realizada com alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola da Rede Estadual de Ensino, localizada na cidade de Forquilha/SC, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário. Concluímos, por meio das análises das respostas dos alunos, que tanto os meninos como as meninas consideram importante a coeducação no ensino do futebol nas aulas de Educação Física.

Palavras-Chave: Coeducação. Futebol. Educação Física. Alunos.

ABSTRACT

The research had as objective to analyze the coeducative relations, especially those of gender, in soccer teaching, in Physical Education classes, from the students' own answers. This research was field, carried out with students of the final years of elementary school of a School of the State Teaching Network located in the city of Forquilha / SC, being used as instrument of data collection a questionnaire. It was concluded, through the analyzes of the students' answers, that both boys and girls consider coeducation important in Physical Education classes.

Keywords: Coeducation. Soccer. Physical Education. Students.

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo analizar las relaciones del coeducativas, especialmente de género, em la educación de fútbol, en Educación Física de las propias respuestas de los estudiantes. Esta investigación fue de campo, celebrada com los estudiantes de los últimos años de la educación primaria en una escuela de la Red de Educación del Estado situada em la localidad de Forquilha / SC, se utiliza como un instrumento de recolección de datos um cuestionario. Se completa com el análisis de las respuestas de los estudiantes, que los niños y niñas consideran importante la educación mixta em Educación Física.

Palabras Clave: Coeducación. Fútbol. Educación Física. Estudiantes.

1 Introdução

A escolha do referido tema: “A coeducação no ensino do futebol nas aulas de Educação Física a partir da perspectiva dos alunos” se deu por conta de experiências vividas, pelo acadêmico pesquisador, durante a realização do estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em que, tanto na observação quanto na atuação percebeu que os alunos tinham certa resistência de realizarem o futebol de forma coeducativa.

O acadêmico pesquisador ainda percebeu, por meio de diálogo com os alunos, bem como por meio da observação de conversas entre os próprios alunos, que, em sua maioria, eles entendiam, em seu mundo vivido, que o futebol era para os meninos e que o vôlei era para as meninas. A partir dessa constatação, o acadêmico pesquisador iniciou uma reflexão a respeito da coeducação no ensino do futebol e da Educação Física de modo geral.

Diante disso, entendemos que a investigação sobre tal temática se faz importante, tendo em vista a coerção auto imposta realizada pela mídia em relação ao esporte, principalmente, no que diz respeito às questões de gênero.

Assim, temos como problema de pesquisa: Qual o entendimento dos alunos, dos anos finais do ensino fundamental, de uma escola estadual de Forquilha/SC, sobre a importância da coeducação no ensino do futebol? Dessa forma, temos como questões norteadoras: Qual o conceito de coeducação? E qual a importância do ensino do futebol na proposta crítico emancipatória?

Diante dessas questões, constituímos como objetivo geral da pesquisa: analisar as relações coeducativas, principalmente as de gênero, no ensino do futebol, nas aulas de Educação Física, em uma escola estadual de Forquilha/SC, a partir da perspectiva dos alunos. Dessa forma, estabelecemos como objetivos específicos: compreender o conceito de coeducação e entender a importância do ensino do futebol na proposta crítico emancipatória.

2 Referencial Teórico

2.1 PROPOSTA CRÍTICO EMANCIPATÓRIA

A proposta teórico metodológica crítico emancipatória defende que o professor utilize-se do princípio da comunicação como um meio essencial para a transmissão e troca de conhecimentos para com os seus alunos, contribuindo assim no processo de ensino e aprendizagem. (KUNZ, 2009).

Uma teoria no sentido crítico-emancipatório precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. (KUNZ, 2009, p. 31).

O aluno deve ser preparado para a realidade na qual estiver inserido, e ter condições para questionar situações as quais considere necessárias mudanças, com um olhar mais crítico em relação aos mais diversos significados e sentidos que existem no mundo em que vivemos.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 2009, p. 31).

Dessa forma, os alunos acabam por deixarem de seguir “cegamente” o que lhes é imposto pela sociedade, aprendendo a criticar e levantar questões as quais coloque em dúvida várias situações. Por-

tanto, estas situações, que anteriormente pareciam ser normais aos olhos desses alunos, acabam por se desvelarem. Assim, eles libertam-se, emancipam-se destes modelos impostos pela sociedade, por conta, portanto, de uma análise questionadora e crítica sobre o real.

Assim, ao induzir a auto-reflexão, a pedagogia crítico-emancipatória deverá oportunizar aos alunos perceberem a coerção auto-imposta de que padecem, conseguindo com isto, dissolver o “poder” ou a “objetividade” dessa coerção e assumindo assim um estado de maior liberdade e conhecimento de seus verdadeiros interesses, ou seja, esclarecimento e emancipação. (KUNZ, 2009, p. 36).

Segundo Kunz (2009) a constituição do processo de ensino aprendizagem se dá por três categorias, que são o trabalho, a interação e a linguagem, que deve conduzir ao desenvolvimento das competências objetiva, social e comunicativa.

Na categoria trabalho, em que direciona o desenvolvimento da competência objetiva, o aluno precisa receber do professor conhecimentos que o possibilite, respeitando as diversas individualidades, responder as questões específicas que sejam colocadas à sua frente.

Para a competência objetiva vale que o aluno precisa receber conhecimentos e informações, precisa treinar destrezas e técnicas racionais e eficientes, precisa aprender certas estratégias para o agir prático de forma competente. Precisa, enfim, se qualificar para atuar dentro de suas possibilidades individuais e coletivas e agir de forma bem-sucedida no mundo do trabalho, na profissão, no tempo livre, e no caso, o esporte. (KUNZ, 2009, p. 40).

A categoria interação, que se vincula ao desenvolvimento da competência social, se efetiva quando o professor interage com seus alunos, numa troca de informações e saberes entre ambos, e quando os alunos interagem também entre si, de maneira recíproca, usando da cooperação e solidariedade para melhor fazer essa interação, adquirindo informações, e compreendendo as diversas relações e transformações que existem na sociedade em que vivemos.

Enquanto competência social, penso, especialmente, nos conhecimentos e esclarecimentos que o aluno deve adquirir para entender as relações socioculturais do contexto em que vive, dos problemas e contradições dessas relações, os diferentes papéis que os indivíduos assumem numa sociedade, no esporte, e como esses se estabelecem para atender diferentes expectativas sociais. (KUNZ, 2009, p. 40).

Na categoria linguagem, que se interliga com o desenvolvimento da competência comunicativa, tanto à linguagem verbal quanto à linguagem corporal devem ser dadas atenção, porém com uma maior ênfase para a linguagem verbal, dando significado às falas, tanto a do próprio professor, como a dos alunos.

Para a competência comunicativa, vale lembrar, inicialmente, que a linguagem verbal é apenas uma das formas de comunicação do ser humano. Mas a competência comunicativa na Educação Física e Esportes não deve se concentrar apenas na linguagem dos movimentos que precisam, acima de tudo, ser compreendidos pelos integrantes de um jogo ou atividades lúdicas, mas, principalmente, a linguagem verbal deve ser desenvolvida. (KUNZ, 2009, p. 41).

Segundo Kunz (2009), as estratégias do professor para o ensino crítico-emancipatório de movimentos e jogos, principia pelos passos denominados de “transcendências de limites”, em que o aluno é confrontado com a realidade do ensino e seu conteúdo em especial, a partir de graus de dificuldades. Na transcendência de limites pela experimentação, o aluno deverá experimentar o que lhes for pro-

porcionado, vivenciando as mais diversas possibilidades de se relacionar e se desenvolver como aluno e como ser humano.

A forma de “transcender limites”, no sentido da manipulação direta da realidade pelo simples explorar e experimentar possibilidades e propriedades dos objetos, bem como as próprias possibilidades e capacidades e, ainda, vivenciar possibilidades comunicativas, descobrir e experimentar relações sócio-emocionais novas, entre outras. (KUNZ, 2009, p. 123).

Na transcendência de limites pela Aprendizagem, o aluno deverá encontrar, perceber e propor soluções para situações que encontre e considere necessárias modificações para um melhor desenvolvimento ou andamento das atividades propostas.

A forma aprendida no âmbito das possibilidades de “transcender limites” pela imagem, pelo esquematismo, pela apresentação verbal de situações do movimento e do jogo e que o aluno reflexivamente deverá acompanhar, executar e propor soluções. (KUNZ, 2009, p. 123).

Na transcendência de limites pela criação, é o momento que o aluno terá a oportunidade de utilizar o que aprendeu, e deste modo encontrar novas maneiras de poder jogar, brincar, etc., fazendo com que crie e aprimore situações.

A forma criativa ou inventativa de uma “transcendência de limites”, em que a partir das duas formas anteriores da representação de um saber, o aluno se torna capaz de, “definida uma situação”, criar/inventar movimentos e jogos com sentido para aquela situação. (KUNZ, 2009, p. 123).

Na concepção crítico emancipatória, a constituição do processo de ensino aprendizagem deve ser orientada pelas categorias, trabalho, interação e linguagem, conduzem ao desenvolvimento das competências objetiva, social e comunicativa.

A mesma se utiliza do que é do mundo vivido dos alunos, para que possa fazê-los refletir sobre o que lhes é auto imposto pela sociedade.

Para a concepção crítico emancipatória, a coeducação é uma estratégia educativa imprescindível, pois, o problema de gêneros nas aulas de Educação Física está muito presente, atrapalhando o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

2.2 CO-EDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Se torna cada vez mais importante o debate sobre o gênero e a coeducação, pois em pleno século XXI, ainda nos encontramos num contexto de uma sociedade meramente conservadora, onde ainda vem prevalecendo preconceitos e relações de dominação e repressão, seja do homem sobre a mulher, seja do branco sobre o negro, seja do rico sobre o pobre.

Diante disso, devemos discutir como está se dando a coeducação nas aulas de Educação Física, aprofundando a sua reflexão científica, para que assim, possamos compreender de que maneira ela está acontecendo e se ela está sendo realmente efetivada nas escolas.

[...] a co-educação como uma prática conjunta de meninas e meninos, que propicia as mesmas vivências de movimento para ambos na aula de Educação Física. Essa prática está fundamentada, entre outras razões, na compreensão de que os movimentos não têm sexo, e de que a discriminação tradicional de movimentos para homens e mulheres é construída no processo de socialização das pessoas, sendo, portanto atrelada a visões/valores culturais. (SARAIVA E FIAMONCINI, 2009, p.97).

Mais do que proporcionar aos alunos o conhecimento dos diversos conteúdos específicos da Educação Física, o professor deve provocar a reflexão nos alunos, quebrando estereótipos e propagando em seus alunos a igualdade do ser humano dentro da sociedade.

A discussão sobre a co-educação é “precária” no contexto geral da Educação Física brasileira, em que pesem os esforços de algumas investigações sobre as questões de gênero na Educação Física, bem como as poucas pesquisas empíricas com as aulas mistas. (SARAIVA, 2005, p. 175).

A escola é um lugar de aprendizado, onde todos devem ter a oportunidade de conhecer a realidade, o que há de mais contemporâneo e o que foi produzido historicamente pelo ser humano, seja menino ou menina, todos tem o mesmo direito de vivenciarem qualquer que seja o conteúdo a ser transmitido pelo professor. Conforme esclarece Saraiva (2005) “Uma aula de Educação Física que pretenda a ampliação das vivências para ambos os sexos deve oferecer as mesmas vivências para meninos e meninas, deve oferecer a estes as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios”. (p. 178)

Há uma relação histórica de dominação do homem sobre a mulher na sociedade de modo geral, e a escola é um dos lugares em que essa relação de dominação deve começar a deixar de existir, dando lugar a co-educação, e conseqüentemente, a igualdade entre meninos e meninas.

Isso significa que a aula de Educação Física em separado para meninos e meninas deveria ser evitada, porque somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos. (SARAIVA, 2005, p.182).

O preconceito o qual está entranhado na sociedade, e então no ser humano de modo geral, diz que esse ou aquele esporte, é para os homens ou para as mulheres, não considerando que o movimento de tal prática não possui gênero, logo, os esportes também não.

Seja então sob o conceito de co-educação, seja sob a idéia de aulas conjuntas com meninos e meninas, torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões aqui levantadas, tais como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente, a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no Esporte e na Educação Física. (SARAIVA, 2005, p. 176).

Sabemos que, ao ministrar os seus conteúdos, o professor de Educação Física encontra dificuldade no que diz respeito as relações de gênero que se colocam durante as aulas, não tão somente ligado ao ser menino ou ser menina, mas também ao ser melhor ou pior na execução de determinados movimentos de qualquer esporte.

Embora seja um problema cultural muito mais amplo e difícil de ser equacionado, a questão de gênero está bastante presente na Educação Física e interfere na gestão pedagógica do ensino dos esportes na escola, na medida em que opõe os meninos, “mais fortes, mais rápidos, mais habilidosos” às meninas, tidas como “mais frágeis e dóceis”, mas menos capazes de desenvolverem certas habilidades requeridas para a prática dos esportes. (DAS NEVES; PIRES; 2004, p.90).

Na maioria das vezes, as regras que são instituídas pelas diversas modalidades esportivas, acabam por excluir os menos habilidosos, os mais fracos, e partindo para o futebol em específico, acaba por tornar-se excludente, sendo então necessária a intervenção do professor a fim de modificar tais regras, com

o objetivo de propiciar a vivência da modalidade para todos.

Fez-se necessária a modificação das regras. Estas regras construídas coletivamente buscavam democratizar o espaço do jogo. Elas foram alteradas em dois sentidos simultaneamente, isto é, utilizamos regras que poderiam beneficiar os alunos/as que possuíam desempenho esportivo considerado “inferior”, ao mesmo tempo em que incrementávamos dificuldades extras para os alunos/as com desempenho considerado “superior”. (CARDOSO; 2010, p.147).

Trazendo esta problemática para a questão de gênero, Kunz (2010), afirma que “as aulas de Educação Física deveriam ser preferencialmente coeducativas, onde fosse possível desvelar e superar os principais problemas de uma socialização específica para os sexos [...]” (p. 40).

Assim, é necessário que a coeducação, que nada mais é do que uma prática conjunta de meninos e meninas, se torne um princípio nas aulas de Educação Física, para que assim, possam ser desconstruídos e quebrados os preconceitos que existem em nossa sociedade.

3 Metodologia

Esta pesquisa foi de campo, realizada com alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola da Rede Estadual de Ensino localizada na cidade de Forquilha/SC. A escola escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi a que o acadêmico pesquisador realizou os estágios supervisionados, no ensino fundamental, do curso de licenciatura em Educação Física da UNESC. Foi justamente esse o critério de escolha da escola.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário, com perguntas abertas e semiabertas. As perguntas foram elaboradas com o objetivo de coletar os dados referentes ao entendimento dos alunos acerca da coeducação, principalmente vinculado as questões de gênero, no ensino do futebol nas aulas de Educação Física.

Assim, o acadêmico pesquisador se apresentou a escola e entregou a direção a carta de aceite. Esta foi devidamente assinada pela diretora e, portanto, foi autorizado o desenvolvimento da pesquisa nesse local. Dessa forma, foi, primeiramente, entregue um termo de consentimento livre e esclarecido, em aulas de diferentes matérias, para os alunos das cinco turmas do ensino fundamental, sendo dois sextos anos e um sétimo ano no período matutino, um oitavo ano e um nono ano no período vespertino, para que o levassem para a casa e obtivessem a assinatura dos seus pais ou responsáveis, pois, pelo fato de serem menores de idade, não poderiam responderem legalmente por si próprios.

Após feito, foi dado um tempo de três dias, para que retornassem com o termo de consentimento livre e esclarecido devidamente assinado, voltando então à escola para a aplicação do questionário, sendo isso feito em aulas de diferentes matérias. Apenas os alunos que entregaram o termo puderam participar da pesquisa, respondendo ao questionário.

Portanto, no total, foram entregues os termos de consentimento livre e esclarecido para todos os 104 alunos do 6º ao 9º ano da escola. Porém, nem todos retornaram com o mesmo, não participando assim da pesquisa. Logo, 41 alunos trouxeram o termo, os quais então responderam ao questionário.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada com 41 alunos, de cinco turmas dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º anos), sendo que 22 alunos eram do gênero masculino e 19 alunas do gênero feminino.

4 Análise de dados

4.1 Questões pessoais

As questões da 01 à 03 referiam-se ao gênero, a idade e o ano em que os alunos estudavam, respectivamente.

Dos 41 alunos que participaram da pesquisa, 22 alunos eram do gênero masculino e 19 alunas do gênero feminino, como já citado anteriormente. Foram 07 alunos com 11 anos, 11 alunos com 12 anos, 07 alunos com 13 anos, 07 alunos com 14 anos, 08 alunos com 15 anos e apenas um aluno com 16 anos de idade.

No que diz respeito às turmas, foram 16 alunos do 6º ano, 11 alunos do 7º ano, 04 alunos do 8º ano e 10 alunos do 9º ano.

4.2 GOSTAM DE FUTEBOL?

Na questão de número 04, foi questionado aos alunos se gostavam de jogar futebol. Para os meninos essa resposta foi unânime, com os 22 alunos respondendo sim. Diante de tal constatação, fica evidente que o futebol é um esporte muito presente na prática social dos meninos.

Os meninos descreveram o futebol com sentimento de paixão, como o melhor esporte de todos, para se jogar com os amigos, fazendo bem para a saúde e sendo um esporte divertido. Um aluno disse ainda: “Desde pequeno eu jogo bola, isso para mim é diversão, mas posso levar a sério às vezes”. (M1) (Sic)

As meninas também demonstraram que gostam de futebol, porém não de maneira absoluta, com 12 meninas dizendo que gostam e 07 dizendo não gostarem da modalidade.

As que afirmaram gostar de futebol, descreveram o seu gosto com sentimento de amor, afirmando ainda que jogavam bem, sendo o futebol um esporte divertido e que faz bem para a saúde.

As que responderam não gostarem de futebol, disseram que preferiam a modalidade do vôlei, que não jogavam bem e que não sabiam jogar, afirmando que não gostavam de jogar futebol na escola, pois sofriam “zoação” dos colegas.

4.3 Jogam futebol nas aulas de educação física?

Na questão número 05, a pergunta foi se os alunos jogavam futebol nas aulas de Educação Física. Mais uma vez as respostas afirmativas dos meninos foram absolutas, com os 22 alunos respondendo que sim.

Afirmaram ainda que sempre tem futebol nas aulas de Educação Física, sendo esse o único momento em que jogam, e no qual a participação também serve para ganharem nota.

Mais uma vez, os meninos disseram que o futebol é um dos esportes que mais gostam, sendo um esporte divertido, que faz bem para a saúde e legal para se jogar com os amigos.

Semelhante aos meninos, as meninas afirmaram, em sua maioria, que jogam futebol nas aulas de Educação Física, com 14 alunas respondendo sim e apenas 05 respondendo que não.

Assim como os meninos, as que responderam sim, disseram que o futebol é um esporte divertido e que faz bem para a saúde, porém disseram ainda que jogavam também para ganhar nota e consequentemente “não rodar”.

Aquelas que responderam não jogar futebol nas aulas de Educação Física, disseram que não jogam porque não gostam e que não tem como jogar com os meninos, pois eles não respeitam as meninas.

4.4 Meninos e meninas jogam juntos?

A partir da questão 06 começaram a aparecer os conflitos entre meninos e meninas na hora de jogar o futebol nas aulas de Educação Física. A pergunta na questão 06 foi se meninos e meninas jogavam futebol juntos nas aulas de Educação Física.

Os meninos demonstraram estarem divididos nessa questão, e em alusão ao jogo de futebol, hou-

ve um empate em suas respostas, com 11 meninos respondendo sim e outros 11 meninos respondendo que não jogavam juntos com as meninas.

Os que responderam sim, falaram que apesar de jogarem juntos, não gostavam, pois elas chutam as suas canelas. Já outros disseram que elas jogam bem quando querem. Um dos alunos ainda disse: “E para fazer gol tem que passar para elas, se não tiver essa regra, elas ficam excluídas”. (M2) (Sic)

Os que responderam não, disseram que é muito raro jogarem juntos, que não é feito time com meninas, que elas não jogam porque não querem, não gostam e porque não sabem jogar. Além disso, os meninos afirmam que ao jogar futebol podem machucá-las, bem como elas também podem machucá-los, chutando as suas canelas.

Nessa questão, assim como os meninos, as meninas também demonstraram uma certa divisão em suas respostas, com 11 meninas respondendo sim, afirmando jogarem futebol junto com os meninos e 08 meninas respondendo que não. Apesar da pequena diferença, as meninas em sua maioria, afirmaram que costumam jogar futebol junto com os meninos nas aulas de Educação Física.

As que responderam jogar juntos com os meninos, disseram jogar apenas as vezes, e que jogam apenas quando os meninos convidam, e que quando jogam muitas vezes os meninos não passam para as meninas, quando os mesmos deveriam jogar juntos, sem diferença entre ambos.

Algumas das meninas que disseram jogar junto dos meninos, descreveram não gostar porque são “zoadas” e também porque têm sentimento de infelicidade ao jogar com os meninos.

As meninas que responderam não jogar com os meninos, disseram que jogam apenas as vezes, porque os meninos são chatos, “cavalos” e não gostam que elas joguem junto com eles, e uma menina ainda disse: “Acho que não daria certo do jeito deles”. (F1)

Conforme esclarece Saraiva (2005) uma aula de Educação Física que pretenda a ampliação das vivências para ambos os sexos deve oferecer as mesmas vivências para meninos e meninas, deve oferecer a estes as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios.

4.5 Consideram importante jogarem juntos?

Quando perguntado, na questão de número 07, se consideravam importante que meninos e meninas deveriam jogar futebol juntos nas aulas de Educação Física, os meninos, em sua maioria com 17 respostas sim e apenas 05 não, demonstraram que ambos deveriam jogar juntos.

Nas respostas sim, os meninos afirmaram que jogando juntos esquecem dos problemas, que assim elas aprendem a jogar e não ficam sem jogar, e conseqüentemente não ficam apenas olhando, e que desse jeito estimula a diversão. Um menino ainda disse: “Considero, porque eu acho importante a convivência dos meninos com as meninas”. (Sic) (M3)

Por outro lado, os mesmos que consideraram importante meninos e meninas jogarem juntos, disseram que não dá para jogar do jeito delas.

Nas respostas não, os meninos disseram que não consideravam importante jogarem juntos das meninas porque elas não sabem jogar, e que jogando sozinhos é mais legal.

As meninas opinaram de maneira muito semelhante aos meninos, respondendo considerarem importante a interação entre ambos no jogo do futebol, com 16 respostas sim e somente 03 respostas não.

As que responderam sim, disseram que é importante meninos e meninas jogarem juntos para aprenderem mais, pois assim os meninos ajudam as meninas a fazerem gol. Uma menina afirmou ainda: “Para que os dois gêneros se misturem”. (F2)

Das meninas que responderam não considerar importante meninos e meninas jogarem juntos, nenhuma escreveu algo a mais a respeito da questão.

Mais do que proporcionar aos alunos o conhecimento dos diversos conteúdos específicos da Educação Física, o professor deve provocar a reflexão nos alunos, quebrando estereótipos e propagando em seus alunos a igualdade do ser humano dentro da sociedade.

Seja então sob o conceito de co-educação, seja sob a idéia de aulas conjuntas com meninos e meninas, torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões aqui levantadas, tais como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente, a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no Esporte e na Educação Física. (SARAIVA, 2005, p. 176).

4.6 É necessária a mudança das regras?

Quando perguntado se achavam necessária a mudança das regras do futebol nas aulas de Educação Física para atender as necessidades de todos, na questão de número 08, os meninos, em sua maioria, responderam achar estar bom do jeito que está, com 10 respostas sim e 12 não.

Os meninos que responderam ser necessária a mudança nas regras, afirmaram que é necessária a mudança das regras porque se não meninos não tocam a bola para as meninas, e para que ninguém fique excluído. Disseram ainda que teriam de tocar para as meninas para valer o gol, e um aluno ainda afirmou: “Para todo mundo jogar mais e gostar de jogar futebol”. (M4)

Aqueles que responderam não ser necessária a mudança das regras, disseram que todos jogam sem maiores problemas e gostam do jeito que está, e ainda, que o futebol se joga com as regras certas.

As meninas, diferentemente dos meninos, afirmaram, em sua grande maioria, acharem necessária a mudança nas regras, sendo 14 respostas sim e 05 respostas não.

As meninas que responderam sim, afirmaram que a mudança das regras seria necessária para todos entenderem o jogo e que assim todos poderiam jogar. Uma menina ainda afirmou: “Porque se não as pessoas vão ficar embaralhadas e não saber o que fazer”. (Sic) (F3)

Das que responderam não, apenas uma menina comentou algo, justificando a sua resposta dizendo: “porque não curto muito”. (Sic) (F4)

Na maioria das vezes, as regras que são instituídas pelas diversas modalidades esportivas, acabam por excluir os menos habilidosos, os mais fracos, e partindo para o futebol em específico, acaba por tornar-se excludente, sendo então necessária a intervenção do professor a fim de modificar tais regras, com o objetivo de propiciar a vivência da modalidade para todos.

Fez-se necessária a modificação das regras. Estas regras construídas coletivamente buscavam democratizar o espaço do jogo. Elas foram alteradas em dois sentidos simultaneamente, isto é, utilizamos regras que poderiam beneficiar os alunos/as que possuíam desempenho esportivo considerado “inferior”, ao mesmo tempo em que incrementávamos dificuldades extras para os alunos/as com desempenho considerado “superior”. (CARDOSO; 2010, p.147).

4.7 É importante participar na mudança das regras?

Questionando se consideravam importante participarem na mudança das regras para atender as necessidades de todos, na pergunta de número 09, os meninos acabaram se contradizendo em relação a questão anterior, afirmando considerarem importante, com 15 respostas sim e 07 respostas não.

A maioria que respondeu sim, disseram que participando na mudança das regras, melhoram a convivência com todos, melhorando a cooperação e evitando brigas, porém alguns afirmaram não gostar dessas mudanças.

Os que responderam não considerar importante participar na mudança das regras, afirmaram que preferem as regras originais, não gostando do futebol de um jeito diferente, pois deixam de fazer gols durante o jogo para passar para as meninas.

Já as meninas continuaram na mesma linha de raciocínio, reiterando a importância da mudança nas regras, e mais especificamente, na participação na mudança das mesmas, com 16 respostas sim, e apenas

03 não.

Das meninas que disseram considerar importante participar na mudança das regras, afirmaram que se não mudar as regras “o jogo fica muito chato” e que as mudanças serviriam para poder fazer coisas diferentes.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 2009, p. 31).

4.8 Como vêem a participação do outro na aula?

A questão número 10, foi uma questão aberta, abrindo a possibilidade para qualquer tipo de resposta, sendo que uma era direcionada para as meninas e uma direcionada para os meninos.

Os meninos foram questionados, como viam a participação das meninas nas aulas de Educação Física. Os meninos ficaram divididos, com metade deles dizendo considerar como boa a participação das meninas, pois elas se organizam melhor que os meninos, sendo importante a participação delas para aprenderem a jogar.

Por outro lado, a outra metade disse que as meninas preferem jogar a modalidade do vôlei, que poucas gostam, jogam e sabem jogar, não participando e ficando apenas conversando.

As meninas foram perguntadas, como viam a participação dos meninos nas aulas de Educação Física. A maioria das meninas disseram considerar a participação dos meninos como boa, pois são concentrados, colaboram, obedecem às regras, são participativos, respeitam e ajudam as meninas.

Por outro lado, algumas disseram que os meninos só reclamam, não sabem perder, são fominhas, não tocam a bola e brigam com as meninas que chutam errado.

Trazendo esta problemática para a questão de gênero, mas principalmente o masculino e o feminino, Kunz (2010), afirma que “as aulas de Educação Física deveriam ser preferencialmente coeducativas, onde fosse possível desvelar e superar os principais problemas de uma socialização específica para os sexos”.

Conclusão

Concluimos, por meio das análises das respostas dos alunos, que tanto os meninos como as meninas consideram importante a coeducação nas aulas de Educação Física, mesmo que, em algumas perguntas, os meninos tenham demonstrado certa contradição, considerando importante participar na mudança das regras, mas não importante a mudança das mesmas.

Cabe ao professor de Educação Física não deixar prevalecer a imposição da sociedade sobre o ensino do futebol na escola, permitindo o seu conhecimento e vivência para todos, sem distinguir meninos de meninas.

A partir do conceito de coeducação, que visa oportunizar com sucesso a prática conjunta dos gêneros (os meninos e as meninas), chegamos à conclusão de que, o processo de ensino aprendizagem nas aulas de Educação Física somente terá sucesso quando forem solucionados os problemas relacionados a mesma.

A partir da proposta crítico emancipatória, os alunos serão preparados para a realidade na qual estiverem inseridos, e terão condições de questionar as situações as quais considerem necessárias mudanças. Assim, terão um olhar mais crítico em relação aos mais diversos significados e sentidos que existem no mundo em que vivemos, libertando-se de estereótipos impostos pela sociedade.

6 Referências

CARDOSO, ANA LÚCIA. **Futebol coeducativo na concepção crítico emancipatória: possibilidades pedagógicas**. In: KUNZ, ELENOR (Org.). *Didática da educação física 3: futebol*. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

DAS NEVES, ANNABEL. PIRES, GIOVANI DE LORENZI. **O trato com o conhecimento esporte na formação em educação física: possibilidades para sua transformação didático-metodológica**. In: KUNZ, ELENOR (Org.). *Didática da educação física 2*. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

FIAMONCINI, LUCIANA. SARAIVA, MARIA DO CARMO. **Dança na Escola: a criação e a co-educação em pauta**. In: KUNZ, ELENOR (Org.). *Didática da educação física 1*. 4 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

KUNZ, ELENOR. **Transformação didático pedagógica do esporte**. 7 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

KUNZ, ELENOR (Org.). **Didática da educação física 1**. 4 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

KUNZ, ELENOR (Org.). **Didática da educação física 2**. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

KUNZ, ELENOR (Org.). **Didática da educação física 3: futebol**. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

SARAIVA, MARIA DO CARMO. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.